



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração de 240 unidades habitacionais (condomínios B
e C) do Programa de Urbanização de Favelas/PAC - Paraisópolis**

São Paulo-SP, 31 de agosto de 2010

Primeiro, eu queria cumprimentar o amigo e companheiro governador
Alberto Goldman, de São Paulo,

O nosso querido companheiro Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo,

O ministro Marcio Fortes, ministro das Cidades,

A presidenta da Caixa Econômica Federal, Maria Fernanda Coelho,

O nosso companheiro Alexandre Margosian, subprefeito de Campo
Limpó,

O Augusto Chagas, presidente da União Nacional dos Estudantes,

Nosso companheiro Donizete Fernandes de Oliveira, presidente da
União Nacional de Moradia Popular,

Nossa querida companheira Bartíria Lima da Costa, presidente da
Confederação Nacional das Associações de Moradores,

Nosso companheiro José Antônio de Araújo, presidente do Movimento
Nacional de Luta por Moradia,

Nossa companheira Julieta Abraão, presidente da Central de
Movimentos Populares,

Nosso companheiro Gilson Cruz Rodrigues, presidente da União dos
Moradores de Paraisópolis,

Nosso companheiro Yann Evanovick, presidente da União Brasileira dos
Estudantes Secundaristas,

Meu caro Ronaldo Luiz Jorge, por intermédio de quem cumprimento
todos os moradores do bairro de Paraisópolis,

Companheiros da imprensa,



Amigos e amigas,

Vocês perceberam que eu estou com o discurso aqui, por escrito, mas eu não vou utilizar o tempo para ler meu discurso, porque já foram utilizados todos os números possíveis de serem utilizados. Acho que nós deveríamos, no dia de hoje... além de ter nascido um neto meu, que eu vou conhecer daqui a pouco, além de ser cem anos de aniversário do Corinthians, além de estarmos entregando 284 casas – e não pudemos entregar a creche porque está em um processo de licitação os móveis, para que a creche funcione –, nós sabemos que o dia de hoje é um dia de consagração. É um dia de consagração porque vocês estão conquistando mais um pedaço do direito que há tanto tempo vocês vêm brigando desde que vocês estão aqui, no Paraisópolis.

Eu sei que quanto mais a gente fizer, Governador e Prefeito, e Ministro das Cidades, e companheiros do Movimento, eu sei que quanto mais for feito, mais vocês vão aprender a querer mais, e é assim que a gente vai fortalecendo a qualidade de vida da sociedade.

Certamente, aqueles que moram em prédio de cobertura não terão mais vergonha quando olhar para baixo e ver que vocês, agora, estão morando em apartamentos dignos de pessoas que trabalham e dignos de pessoas que querem construir a sua cidadania convivendo dignamente com a sua família. Essa é uma coisa sagrada: é a conquista do direito feito pela parte mais pobre da sociedade.

O Governador disse uma coisa importante. Na verdade, o que se tenta fazer hoje é um pouco da reparação do descaso que aconteceu na década de 60, um pouco na década de 50 e um pouco por conta da crise dos 20 anos, da crise de [19]80, em que você teve um crescimento muito grande da pobreza. São Paulo, por exemplo, eu era moleque, eu conheci, em São Paulo, duas grandes favelas: a da Vila Prudente e a favela do Vergueiro. E, depois, São Paulo foi tendo um empobrecimento muito grande, muita gente pobre vinha



para cá. Na crise do petróleo, de [19]73, muita gente deixou a agricultura para vir morar nos grandes centros urbanos, de forma totalmente desordenada, as pessoas morando em encosta de morro, as pessoas morando à beira de córrego, ou seja, o que nós estamos fazendo agora é um processo de reparação.

Ninguém quer tirar ninguém de onde mora para mandar para 40 quilômetros longe da cidade, para essa pessoa, depois, pagar tudo o que ela ganha de transporte para vir trabalhar. As casas têm que ser feitas onde as pessoas já estão habituadas a morar. E, aqui, no Paraisópolis, você, Gilson, e os outros companheiros que participam e que moram aqui sabem quantas vezes tentaram incomodar vocês, desapropriando vocês. “Isso aqui era um lugar bonito, isso aqui, afinal de contas, está muito perto do Morumbi, é tudo muito bonito. Então, veio muito pobre para cá, e nós temos que tirar esses pobres e aqui fazer outra coisa”. Não! A gente aqui está afirmando que os pobres são tão brasileiros quanto qualquer outro brasileiro rico e que têm o direito de morar em um lugar em que eles ocuparam, e a gente tem que trazer para cá é o benefício.

Eu fico imaginando o que era isso aqui e fico imaginando essa avenida aqui, agora, Kassab, isso aqui é uma avenida em que as crianças vão poder andar de bicicleta, em que as crianças vão poder... quem tiver seu carrinho vai poder passar por aqui. E isso aqui, agora, não é mais uma favela, isso aqui agora é um bairro, é mais chique.

Eu, Kassab, digo isso com orgulho, porque quando nós fomos visitar um prédio ali, eu entrei naquele prédio ali e eu fiquei, sinceramente, fiquei orgulhoso de ver a qualidade do prédio. Eu que quando casei, em 1975, fui morar numa casa de 33 m² – eu, Marisa e dois filhos; depois veio o terceiro e depois veio o quarto. Aí a gente como todo mundo faz, vai aumentando o puxadinho para cá, puxadinho para lá, e a casa vai crescendo aos pedaços, aos trancos e barrancos, como é a vida de todos nós.



Mas esse apartamento é de qualidade. O Ministro das Cidades sabe que, daqui para frente, as casas do Minha Casa, Minha Vida têm que ter azulejo, elas têm que ter cerâmica no chão, porque não é possível imaginar que o pobre gosta de pobreza, não é possível imaginar que nós não gostamos de coisa boa, não é possível. De vez em quando a gente vai discutir, as pessoas falam: “Mas colocar azulejo na casa de pobre? Eles gostam de azulejo? Não é coisa de rico?” Não, azulejo é coisa para quem gosta. E todo mundo gosta de ter, na cozinha, azulejo, todo mundo gosta de ter lajota na sua casa.

Então, eu quero dar os parabéns pela qualidade da casa. É um apartamento que tem um visual muito bonito, muito bonito. Eu, sinceramente, quero dizer para você, Gilson, que saio daqui gratificado de ver a qualidade da moradia que as pessoas vão ter daqui para frente. E isso é apenas o começo, ainda falta muita coisa acontecer aqui.

Eu já estou vendo, ali, placa reivindicando mais creches, reivindicando mais hospital, reivindicando uma série de coisas, ou seja, essas coisas vão acontecendo. Nós, que somos governantes, não temos que achar ruim. Cada vez que a gente ver uma placa dessas, a gente tem que voltar para casa e pensar: “É, eu ainda tenho que fazer mais um pouco para poder melhorar a vida das pessoas”.

Eu acho que isso aqui é conquista de vocês. Eu lembro quanto tempo vocês brigaram para chegar ao ponto que nós chegamos, e ainda tem muito lugar no Brasil que a gente está brigando para melhorar, vai mais alguns anos, quem sabe algumas décadas, mas o dado concreto é que o povo ficou esperto, os movimentos de moradia já não aceitam mais meia palavra, já não aceitam mais, ou seja, eles estão preparados politicamente, estão organizados, e eu tenho certeza que todos vocês, Gilson, e o Movimento estão orgulhosos de mais dessa conquista do Movimento de Moradia de São Paulo, do Brasil. Meus parabéns a todos vocês, meus parabéns.



Eu, agora, vou ter que sair correndo, porque eu vou ao hospital ver o meu neto, vou lá ver o meu netinho, depois tem uma festa do Corinthians, no Anhangabaú, que eu vou ter que ir. Então, eu quero me despedir de vocês.

Quero, antes... eu vi que o Wanderley Nunes estava aqui. Eu quero agradecer ao Wanderley. Eu só dei o terno para leiloar, a meia já estava gasta, eu não podia dar, a gravata desapareceu, mas, de qualquer forma, eu acho que vocês juntaram 4 milhões, eu acho que é um bom início para vocês concluírem o sonho de vocês de acabar com o analfabetismo aqui em Paraisópolis.

Que Deus abençoe todos vocês e que a gente possa voltar aqui para entregar mais casas ainda este ano. Agora eu estou vendo que tem um cantador ali, que quer tocar um repente ali, e vamos lá.

(\$211A)